



CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
Cinemateca Júnior
Palácio Foz – Praça dos Restauradores

JOUR DE FÊTE/ 1949 (*Há Festa na Aldeia*)

Um filme de Jacques Tati

Realização: Jacques Tati / **Argumento:** Jacques Tati e Henri Marquet, com a colaboração de René Wheeler / **Fotografia:** Jacques Mercaton e Jacques Sauvageot / **Cenários:** René Moolaert / **Montagem:** Marcel Moreau / **Figurinos:** Cottin / **Som:** Jacques Maumont / **Música:** Jean Yatove / **Intérpretes:** Jacques Tati (François), Guy Decomble, Paul Frankeur, Santa Relli, Maine Vallée, Delcassan, Roger Rafal, Beauvais, Valy.

Produção: Fred Orain / **Cópia:** digital, colorida/ **Nova versão restaurada** (1994): por Sophie Tatischeff, François Ede / **Montagem de imagem:** Sophie Tatischeff, assistida por Camille Laurenti e Benjamin Bleton / **Montagem de som:** Saveria Deloivre, Thomas Lefebvre / **Duração da cópia restaurada:** 78 minutos / **Estreia Mundial:** Paris, em 4 de Maio de 1949 / **Estreia em Portugal:** Odeon, em 28 de Fevereiro de 1951 / **Reposição:** Império, em 11 de Agosto de 1965 / **Estreia da cópia restaurada e colorida:** Ávila, em 29 de Março de 1996.



A primeira longa-metragem de Jacques Tati é um daqueles “casos” singulares que pontuam o percurso do cinema ao longo do século. Conhecida desde há muito, desde a sua estreia em 1949 (e entre nós em 1951) é uma obra que quando regressa vem sempre nova e noutra estado. Antes de

chegarmos ao caso em si, na sua mais recente versão, destaque-se uma característica especial do grande comediante francês, depois de Max Linder o único capaz de rivalizar com os mestres do burlesco americano e que só teve um sucessor digno de registo, Pierre Étaix, também com uma peculiar ligação ao circo, que surgiu com a *Nouvelle Vague* (e em que os *Cahiers du Cinéma*, com razão ou sem ela, viam o “seu” Buster Keaton). Quem conhece o cinema de Tati sabe que este foi sempre um perfeccionista, obcecado não tanto pelo “objectivo” de uma obra “perfeita”, mas antes pelo “percurso”, pelas sucessivas “revisões” com os acrescentos e alterações, num incessante processo criativo que acompanhava os seus filmes de um para o outro e, o que é mais sugestivo, “dentro” do próprio filme. Tomemos **L' École des Facteurs**, uma curta-metragem feita pouco antes de **Jour de Fête** e que é, em grande parte, um seu embrião. Tanto o personagem de François (Tati), como alguns dos gags mais importantes da curta-metragem são retomados e “aperfeiçoados” em **Jour de Fête**. Na década de 70 Tati voltou de novo a ela acrescentando-lhe cenas novas com o realizador interpretando o papel de um professor que se serve do filme anterior como exemplo. Recordemos **Les Vacances de Monsieur Hulot** e de como Tati procedeu a algumas “variações” aquando da reposição em fins da

década de 70, incluindo um gag novo que era paródia a **Jaws** de Spielberg. Recordemos como **Playtime** é, nas suas primeiras sequências, um trabalho novo e mais aperfeiçoado sobre o gag final de **Mon Oncle**.

Voltemos a **Jour de Fête** que sendo a primeira das suas longas-metragens aparece também, a cada nova visão, como a obra básica do realizador, tanto na construção dos gags (o carteiro bêbedo de bicicleta prolonga-se pelo carro desgovernado de **Les Vacances** e pelos engarrafamentos de **Traffic**; a visão humorística de uma certa França rural antecipa o olhar sobre a colônia balnear de **Les Vacances**, o vendedor de faturas de **Mon Oncle**, o jantar e os convidados de **Playtime**, etc). Tati planeava fazer, com este filme, a primeira longa-metragem a cores do cinema francês e utilizou um processo recuperado do tempo do mudo (o processo Keller-Dorian, usado no começo da década de 20). Já então havia o technicolor anglo-saxónico que deslumbrava os espectadores do pós-guerra, mas também o Agfacolor que da Alemanha foi, inclusive, para a URSS (o final da segunda parte de **Ivan Grosny** de Eisenstein). A razão da escolha do velho processo teve muito a ver já com os pruridos nacionalistas dos franceses, face à expansão do cinema americano, que continua a ser o cavalo de batalha de hoje, com a busca de um processo único que, no campo do vídeo levou à utilização de um sistema "diferente". O problema é que aquele sistema colocava dificuldades então inultrapassáveis para a tiragem de cópias, pelo que a cópia feita a cores não pode ser usada. Tati por medida de segurança filmava em simultâneo uma cópia a preto e branco que foi a estreada. Mas é preciso ter em conta que o realizador idealizou todo o filme para a cor, num sistema hoje bastante divulgado noutros filmes, de lhe dar uma componente psicológica (como **A Matter of Life and Death** que Powell e Pressburger tinham feito em 1945), indo a cor ocupando paulatinamente a aldeia conforme a festa se desenvolvia. Tati foi sempre, essencialmente, um cineasta de "cor", e **Les Vacances** talvez o não tenha sido devido ao que acontecera com **Jour de Fête**, mas todos os filmes que fez depois foram coloridos (e as "revisões" incidiam geralmente em pormenores de inclusão de cor). Tati no começo da década de 60 regressou a **Jour de Fête** tintando à mão alguns planos, fazendo esses pormenores surgirem de forma insólita na narrativa. Mas no caso deste filme dirigiu também cenas novas, com a introdução de um novo personagem e nova montagem. Foi esta a cópia mais conhecida e que até há pouco era exibida. O **Jour de Fête** que vamos ver é, então, aquele que Tati concebera na altura da sua realização, com toda a ironia e experiências tanto no humor como na cor (e vê-se, neste caso, como aquele sistema vetusto, traz ao filme uma singular poesia: repare-se nas sequências noturnas com o predomínio do azul, semelhante às tintagens dos filmes mudos, mas mais brilhante e sugestiva, uma construção pictórica que se pode aproximar das experiências do technicolor a que então se procedia). Mas a visão de **Jour de Fête** tal como foi feito em 1947 (quando as filmagens tiveram lugar) mostra como Tati era um humorista atento à realidade não apenas "técnica" (todos os seus filmes acompanham as transformações técnicas que transformam a vida quotidiana) mas também "social". **Jour de Fête** é (agora) o filme mais "transparente" de Tati, através do qual se "vê" uma época. Neste caso o do pós-guerra em França. A ocupação da Europa pelo exército americano é mostrada num breve plano com um jeep da polícia militar, que François (Tati) "desorienta" fazendo-o entrar pelo campo adentro. O papel que a "invasão" americana teve na cultura e mudança de hábitos, e a influência do seu cinema, é a base das mais divertidas cenas do filme, com o carteiro tentando imitar os carteiros americanos que vê na barraca de cinema. Mas também a própria situação francesa de então não escapa ao olhar atento e irónico de Tati, sendo a sequência da instalação do mastro paradigmática, tanto pelo que mostra (o pau com a bandeira francesa que se procura manter direito), como o que se insinua através da figura do carteiro, com Tati surgindo quase como um "clone" de De Gaulle, reforçado por algumas tiradas do diálogo (as referências ao "líder" e à necessidade de "autoridade" que é preciso para dirigir a operação, etc.).